

**OS RELATOS DOS JESUÍTAS SOBRE OS CRISTIANISMOS ORIENTAIS NO
XVI: O DE CHRISTIANA EXPEDITIONE APUD SINAS DE MATTEO RICCI E
NICOLAS TRIGAULT**

Luiz Felipe Urbieta Rego

Este artigo irá discutir os achados a respeito da presenças, investigações e pesquisas dos jesuítas na China e como em seu trabalho missionário estes se depararam a com a presença cristã no Oriente. A base deste estudo será o *De Christiana expeditione apud Sinas suscepta ab Societate Jesu*, obra conjunta dos missionários Nicolas Trigault (1577–1628) e Matteo Ricci (1552–1610) publicada em 1615.

O relato de Ricci e sua divulgação nos escritos de Trigault se tornaram referenciais para explorações arqueológicas que confirmaram a presença do cristianismo na China desde o século VIII. A expansão do cristianismo mesopotâmico em direção ao Extremo Oriente entre os séculos VIII e XIII deixou rastros arqueológicos e influencias culturais que justificavam a predisposição dos jesuítas em observar traços de cristianismo em culturas e religiões como a tibetana e a chinesa. Apesar de encontrar diversos vestígios históricos da presença cristã, os jesuítas não procuraram enfatizar esta presença em seu discurso missionário. O comentário jesuíta sobre o Cristianismo no Oriente engendra discussões a respeito da complexidade das relações inter-religiosas e evangelizadoras dentro da própria Cristandade.

A presença jesuíta na China engendrou uma série de jogos retóricos de identidade que marcaram as formas como os primeiros inacionos percebiam e eram percebidos pelos nativos do autoproclamado Império do Meio. O primeiro relato público da missão jesuíta na China foi o *Expeditione Apud Sina suscepta ab Societate Jesu*, organizado por Padre-Visitador Nicolas Trigault (1552-1628) e publicado na Europa em 1615. Esta obra foi escrita a partir da sua experiência pessoal e da edição das notas e diários de um dos primeiros jesuítas a conseguir permissão para viver permanentemente no Império da China: o italiano Matteo Ricci (1547-1610).

A partir de uma análise crítica da narrativa da entrada dos jesuítas descrita no *Expeditione Apud Sina* de Trigault podemos ter a visão de duas Chinas: a do país que ele próprio experimentou e procura descrever nos capítulos iniciais e aquela dos relatos de seus antecessores, em especial Matteo Ricci, de quem ele compilou os escritos pessoais, cartas e demais obras de maneira a

construir uma narrativa que descrevesse a presença dos jesuítas na China desde os primeiros missionários católicos até a morte de Ricci.

No capítulo XI do Livro I, Trigault faz um relato da situação do Cristianismo, Judaísmo e Islamismo (denominado de doutrina sarracena). Segundo ele, estas três religiões ainda que toleradas não se desenvolveram muito na China, sendo praticadas por pequenos círculos há gerações.

Segundo os jesuítas, a presença islâmica parece ter chegado nessas terras durante o domínio dos tártaros (mongóis) vindos da Pérsia. Os sarracenos (islâmicos) nativos da China existem em um número considerável, espalhados em todas as províncias e em cidades de porte mediano. Eles possuem seus próprios templos aonde tem permissão de realizar seus rituais religiosos tradicionais, como as orações regulares e a circuncisão.

Aparentemente, eles não se interessam em difundir sua fé. Exceto pelo fato de não comerem carne de porco, eles parecem ser ignorantes de seus próprios preceitos religiosos e são menosprezados pelos chineses. Ainda assim, eles não eram tratados como estrangeiros e podiam prestar os concursos para obter diplomas literários, podendo assim ter a oportunidade de fazer parte da burocracia governamental.

Os judeus parecem ter chegado antes dos sarracenos. Mas ao contrário dos muçulmanos eles não eram tão abundantes, concentrando seus números em algumas províncias como a de Henan e em cidades específicas, em especial Kaifeng. A descrição dos judeus chineses venho do encontro de Ricci com um jovem judeu a quem ele chama de Ngai em 1605. Este teria vindo ao seu encontro em Beijing ao ouvir descrições do que julgara serem judeus vindos de fora da China devido ao fato de se declararem monoteístas como ele.

Este visitante estava familiarizado com o Velho Testamento, conhecendo as histórias de Abraão, Judite, Mordecai e Esther. Também tinha noções de hebraico e sabia da cidade de Jerusalém e da ideia de um Messias. Ele afirma possuírem uma sinagoga e visitas posteriores de irmãos leigos confirmam sua existência mas ela é construída segundo o modelo chinês de construção de prédios.

Os judeus chineses são descritos como seguidores da lei mosaica. Durante seu primeiro encontro, um judeu chinês é convidado para visitar a missão e confunde uma imagem da Santa Maria com Cristo criança com a da mulher de Moisés. Em outro momento o líder dos rabinos

oferece a Matteo Ricci o posto de líder da sinagoga se este se compromettesse a parar de comer carne de porco. Muitos são convertidos ao saber da chegada do Messias.

A história desse encontro desenrola-se com sua investigação sobre o desenvolvimento do Cristianismo na China. Nessa missão Ricci fora amplamente auxiliado pelos judeus chineses e posteriormente alguns se converteram ao cristianismo.

Neste capítulo vemos a busca incessante de Matteo Ricci por algum vestígio da presença cristã na China. Decerto inspirado pelo encontro do Pentateuco e seguindo as orientações dos judeus chineses, os padres jesuítas receberam a informação de um culto de adoradores da Cruz localizado na província de Sciantum (atual Shandong). Eles mencionaram boatos sobre chineses que faziam o sinal da cruz antes das refeições e que, em algumas regiões, eles faziam uma inscrição com tinta em forma de cruz na testa de recém-nascidos como forma de protegê-los do azar. Esse último dado encontrar-se-ia também referendado no comentário de Jerome Rufellus sobre a Cosmografia de Ptolomeu. Os jesuítas também teriam encontrado um sino com inscrições em grego que conteria trechos do Salmo de Davi.

A maneira como tais indícios são apresentados procuram convencionar a ideia da presença de cristão na China data desde a Antiguidade. A principal testemunha e relator dessas histórias seriam os judeus nativos. Segundo eles, esses adoradores da cruz teriam se desenvolvido nas províncias do Norte, se tornando uma cultura florescente tanto em termos literários quanto militares. Esse desenvolvimento levantou as suspeitas dos chineses que os taxaram de revolucionários.

E essas suspeitas teriam sido levantadas pelos sarracenos a cerca de sessenta anos atrás. Portanto, devido às ações dos sarracenos, inimigos jurados dos cristãos, os cristãos nativos tiveram que se espalhar pelo país, muitos abandonando ou escondendo sua religião que se degradara com o passar do tempo. A obsessão por traçar as origens do cristianismo no Oriente leva os autores jesuítas a colocar como marco referencial os cristãos de Malabar, que teriam sido historicamente convertidos pelo Apóstolo Tomas.

Ricci e Trigault se referem então a textos obtidos em Malabar para confirmar a presença de São Tomás. Vale ressaltar que a região de Malabar já estava nessa época sob jugo dos portugueses e embora os primeiros contatos tenham sido pacíficos e frutíferos a ação crescente do Padroado português em impor os ritos latinos levou a uma rebelião em 1653.

Esses manuscritos foram traduzidos do Caldeu para o Latim pelo Padre Jesuíta João Maria Campori a pedido Arcebispo Francis Roitz de Malabar. O texto apresentado por Ricci e Trigault é um trecho do Breviário Caldeu da Igreja da Malabar de São Tomé: “O erro da idolatria foi banido da Índia por São Tomás. Os chineses e etíopes foram convertidos para a verdade por São Tomás. De São Tomás eles receberam ao sacramento do batismo e se tornaram crianças por adoção. Através de São Tomás o esplendor de uma fé que dá a vida e floresceu por toda a Índia. Através de São Tomás o Reino dos Céus obteve asas e acelerou seu voo para os Chineses.” (Trigault, 1953a,p.113). Novamente na antífona nós lemos: “Os povos da Índia, China, Pérsia e outros nas ilhas, juntos com aqueles da Síria, Grécia, Armênia e România veneram o Santo Nome, em memória a São Tomé.” (Trigault,1953b,1953). Também é mencionado no texto que os Bispos e Metropolitanos deveriam se comunicar com o Patriarcado ao menos a cada seis anos.

Novamente é afirmado que ao chegarem em Cochin os jesuítas notaram que na no manuscrito da Novo Testamento era assinado pelo líder da Igreja que recebia o título de Metropolitano da Índia e China.

O relato de Ricci e sua divulgação nos escritos de Trigault se tornaram referenciais para explorações arqueológicas que confirmaram a presença do cristianismo na China desde o século VIII. A expansão do cristianismo mesopotâmico em direção ao Extremo Oriente entre os séculos VIII e XIII deixou rastros arqueológicos e influencias culturais que justificavam a predisposição dos jesuítas em observar traços de cristianismo em culturas e religiões como a tibetana e a chinesa. Apesar de encontrar diversos vestígios históricos da presença cristã, os jesuítas não procuraram enfatizar esta presença em seu discurso missionário. O motivo disto pode ter sido a percepção histórica das diferenças e rivalidades da dinastia Ming vigente (1368–1644) que derrubou seus antecessores, a dinastia Yuan (1271–1368) de origem mongol.

Ao invés disso o método proposto por Ricci procurava destacar as semelhanças entre o Confucionismo e Cristianismo. Denominado posteriormente de método acomodacionista ele se pautou enquanto um processo de compreensão da estrutura social chinesa. Inicialmente os jesuítas procuraram se portar como budistas. Entretanto, na China o Budismo era uma religião que não era bem vista com bons olhos pela elite intelectual e administrativa de orientação confuciana. Embora o Confucionismo não seja uma religião os jesuítas aprenderam a importância de seu estudo e dogmas como forma de serem aceitos pelos chineses. Foi com

Ricci que os missionários jesuítas adotaram a vestimenta típica dos eruditos confucianos como traje formal.

Além disso eles permitiram aos convertidos manterem os ritos tradicionais confucianos bem como a adoração aos ancestrais. Um dos pontos mais polêmicos desta nova abordagem missionária foi a afirmação de Ricci de que a divindade adorada pelos ancestrais chineses conhecida como *Shangdi* ou Senhor dos Céus era o mesmo Deus dos cristãos.

Estas diretivas fizeram um enorme sucesso na China e contribuíram para a expansão do Catolicismo. Mas em 1704 elas foram consideradas ilegais pelo Papa Clemente XI que exigira uma observação mais estrita dos ritos latinos e o abandono dos cultos confucianos por parte dos fiéis.

Embora tenha tido uma vida relativamente curta esta experiência católica jesuíta pode ser considerada um cristianismo oriental próprio.

O Cristianismo, Judaísmo e Islamismo seriam tratados pelos chineses como “seitas bárbaras” possuindo uma denominação que se aplicava para todas elas e seus seguidores. Os termos seitas e cultos são usados por Trigault com tom negativo, implicando que estes grupos e organizações operavam a margem da ortodoxia(confuciana). O mais marcante aqui é perceber como o autor jesuíta define implícita e explicitamente o que é marginal e ortodoxo dentro do universo religioso oriental. É neste processo que fica patente que apesar de seu esforço de compreensão, ele ainda tem como referências a perspectiva monoteísta cristã.

Mas segundo a explicação de Trigault, os adeptos as religiões estrangeiras eram classificadas de uma maneira própria pelos chineses. Eles eram todos chamados de *Hoei-hoei* devido principalmente ao tabu de não consumo de carne suína proeminente entre os judeus e muçulmanos.

Observamos através do relato de Trigault que os chineses eram marcadamente tolerantes em relação a assuntos religiosos, mas também procuravam enquadrar religiões diversas em uma unidade, mesmo que pautada em semelhanças superficiais. Tolerância e sincretismo seriam então as marcas da atitude chinesa diante da religião.

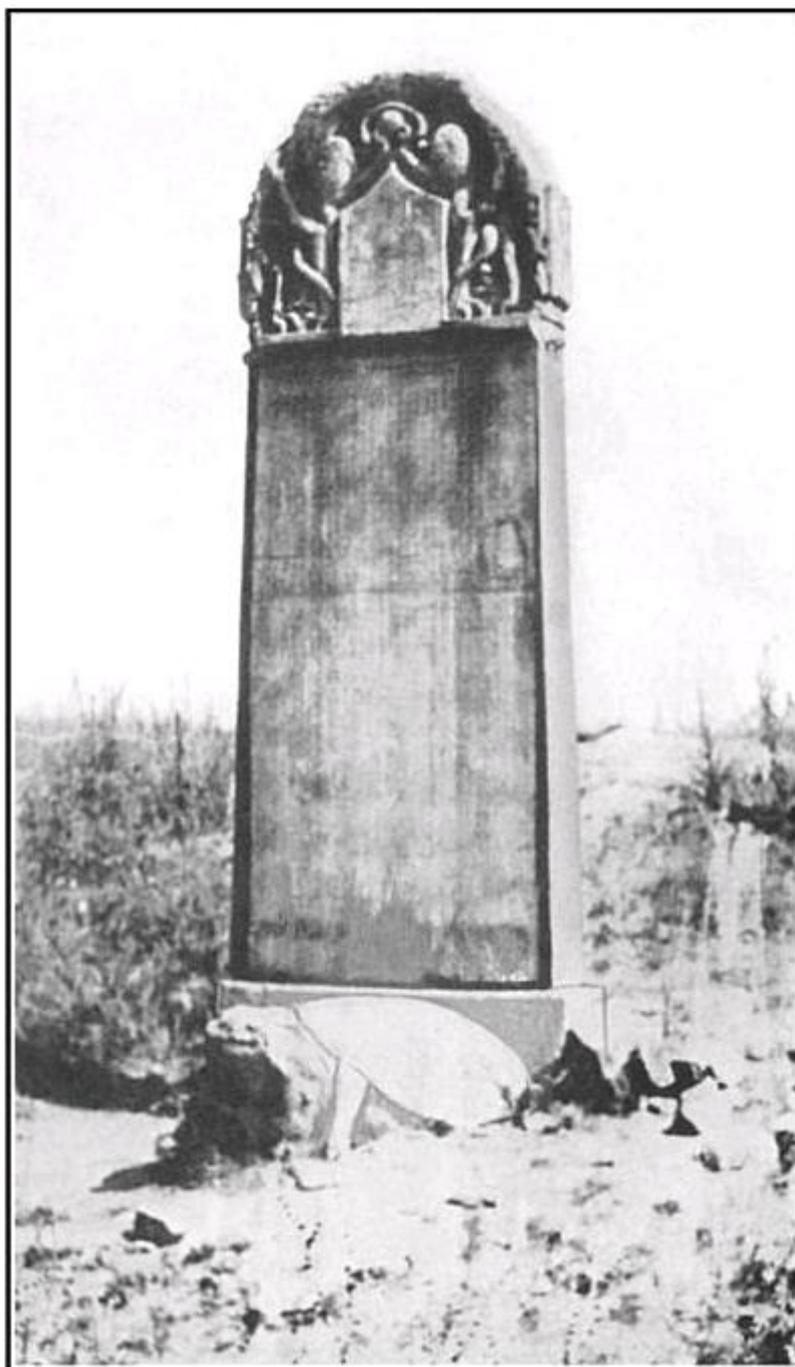
Outro aspecto marcante que podemos observar do relato jesuíta é como eles são ciosos no comentário aos cristianismos orientais. Os chamados cristãos de Malabar são mencionados, mas observa-se o enfoque bíblico enfatizando a figura de São Tomé. Aqui entraria um espaço

que só é visto como vazio exatamente pelos estudiosos de teologia e dos cristianismos orientais conhecedores da cisão entre Igreja do Ocidente e Oriente bem como dos esforços evangelizadores dos cristãos sírios e coptas em direção ao Extremo Oriente.

Se em parte tais omissões são compreendidas pelo conhecimento que temos da estrutura e dos regulamentos que regiam em detalhes a atividade escrita da Companhia de Jesus, por outro lado o conhecimento da presença histórica de cristãos siríacos, confirmada pelo relato jesuíta da Estela Nestoriana, demonstra um processo ativo e consciente de seleção e edição que enfoca o missionarismo católico em detrimento da própria trajetória do cristianismo no Oriente.

Exemplar disso é a polemica em torno da Estela Nestoriana. Encontrada pelo Padre Jesuíta Álvaro de Semedo entre 1625 e 1628 ela é um dos maiores marcos da presença do cristianismo precedente a iniciativa missionária católica. Quando ele leu o texto chinês ele se sentiu como o próprio São Paulo: “Deus sem dúvida não deixou a Si Mesmo sem testemunha!” (Saeki,1916 p.33). Em 1628 uma tradução anônima e incompleta do Latim apareceu. Em 1631 uma versão completa em italiano foi feita a partir do português – provavelmente Semedo, cuja tradução em português com notas apareceu depois em 1638. A novidade da descoberta naturalmente voou para Roma assim como para Lisboa, e em 1631 D.C, apenas oito anos depois da pedra ter sido descoberta.

La Craze e Voltaire na França, o Bispo Horne na Inglaterra, e outros contestaram sua genuidade, acusando-a de “falsificação jesuíta”. Os próprios jesuítas em um primeiro momento alegaram que a Pedra seria católica em natureza e disseram que o Nestorianismo era uma heresia, mas historiadores posteriormente admitiram como sendo nestoriana.



1768

Figura 1 Estela nestoriana fotografada em 1907 por Frits Holm. Descrita nos relatos de Trigault e Ricci elas são o atestado da presença cristã na China antes da chegada dos jesuítas. O primeiro ocidental a visitá-la fora o jesuíta português Álvaro Semedo entre os anos de 1625 e 1628 .

Vale ressaltar aqui que o *Expeditione* de Trigault, enquanto texto jesuíta, tinha como fim ultimo de divulgar a atividade missionaria para a Europa. Mas ele estava sendo escrito dentro de uma civilização e sociedade extremamente desconfiada da presença estrangeira e que tinha total ciência das correspondências e do papel destas obras, tanto que uma cópia do *Expeditione*

bem como diversas obras de Trigault e Matheo Ricci se encontram na Biblioteca Imperial Chinesa.

A questão principal da obra de Trigault é que o foco de sua obra não dava espaço para se aprofundar no tema do cristianismo oriental, e ainda que voltado para a elite intelectual europeia, ele não poderia se dar ao luxo de aprofundamentos teológicos desnecessários ou polêmicos. Neste ponto a própria estrutura da Companhia de Jesus agia como um elemento restritivo no sentido de que todas as obras publicadas sofriam uma análise e edição cuidadosa por parte dos Superiores em Roma.

O que podemos aprender deste episódio particular de cristãos na China é que o estudo da alteridade e do outro, mais que um exercício de conhecimento do que é diferente, tem como consequência derradeira o conhecimento de nós mesmos. Nós só falamos dos outros para falarmos de nós mesmos. E ao fazermos isso nós testamos e historicizamos os limites da nossa própria capacidade de compreensão e tolerância.

Em termos religiosos, como adeptos de uma religião evangélica, o estudo da trajetória missionária tem uma importância impar para sabermos a adaptabilidade de nossa crença e religião. Elas nos dão um sentimento tanto de conforto pela consciência da continuidade de esforços de diálogos bem sucedidos, como também de tristeza pela mesma consciência da relativa rapidez histórica com que esses diálogos são abandonados, esquecidos e deformados.

Cabe portanto a nós, pesquisadores e estudiosos tanto de Teologia como de História, preencher as lacunas e espaços vazios. Um ótimo tema para se tratar seria um estudo mais aprofundado da Estela Nestoriana, sendo ela um objeto e tema ricos de informações que podem contribuir para uma nova abordagem que enfoque aproximação das Igrejas do Oriente e Ocidente.



1770

Figura 2 Pintura em caverna do cristianismo nestorianos Qocho-683-770D.C.

MUNGELLO, David E. (1989). *Curious Land: Jesuit Accommodation and the Origins of Sinology*. University of Hawaii Press.

SAEKI, Yoshiro (1928) [1916]. *The Nestorian monument in China*. Society for Promoting Christian Knowledge.

TRIGAULT, Nicola, S.J., *China in the Sixteenth Century: The Journals of Mathew Ricci: 1583-1610*. Trad. Louis J. Gallagher, S.J. New York, 1953.

http://en.wikipedia.org/wiki/Nestorian_Stele. Acessado em 02/03/2015